



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA**

DANIEL RÉQUIA

**POVOAMENTO PRÉ-COLONIAL NO RIO DAS ANTAS: PESQUISAS
ARQUEOLÓGICAS NOS MUNICÍPIOS DE ROMELÂNDIA E BARRA BONITA, SC**

**CHAPECÓ
JULHO DE 2017**

DANIEL RÉQUIA

**POVOAMENTO PRÉ-COLONIAL NO RIO DAS ANTAS: PESQUISAS
ARQUEOLÓGICAS NOS MUNICÍPIOS DE ROMELÂNDIA E BARRA BONITA, SC**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado
como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em
História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino

**CHAPECÓ
JULHO DE 2017**



**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Aos treze dias do mês de julho de dois mil e dezessete, às onze horas, nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFES), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos professores: **Dr. Jaisson Teixeira Lino, Dr.ª Mirian Carbonera e Me. Anderson Schmitt**. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pelo acadêmico **Daniel Réquia** sob o título: "*Povoamento pré-colonial no Rio das Antas: Pesquisas arqueológicas nos Municípios de Romelândia e Barra Bonita*", SC obteve a média final 7,0 sendo considerado APROVADO.

Chapecó - SC, 13 de julho de 2017.

Jaisson Teixeira Lino - Orientador

Mirian Carbonera - Avaliadora 1

Anderson Schmitt - Avaliador 2

Este trabalho é dedicado a uma nova perspectiva interpretativa, principalmente no tocante a uma história do povoamento Jê, com caráter regional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que caminharam ao meu lado durante esse processo e que contribuíram de uma maneira ou outra para a realização deste trabalho. Meu muito obrigado a meus colegas, amigos e amigas, com quem pude dividir um pouco estes momentos de angustias e alegrias.

Agradeço aos meus professores, em especial ao meu orientador Jaisson Teixeira Lino que esteve ao meu lado durante esse momento e que sem ajuda esse projeto não se concretizaria.

Em especial, agradeço a minha família. Ao meu pai e mãe, pela ajuda e principalmente pela paciência nos meus momentos de preocupações, que com força, atenção, carinho e afeto conseguiram atenuar minhas incertezas nesta caminhada.

Há algum tempo Josué Camargo Mendes lembrava que é mais fácil restaurar um vaso reduzido a centenas de fragmentos, mesmo que estes se encontrem dispersos, do que recompor, completamente, os fatos pré-históricos de uma região. (FUNARI, 1999, s.p apud REIS, 2002, p.11)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização geográfica das fases cerâmicas identificadas no Brasil até 1971	21
Figura 2 – Localização geográfica Filiada às tradições ceramistas regionais e Neobrasileira, identificadas na faixa costeira até 1971	22
Figura 3 – Localização dos sítios arqueológicos: municípios de Romelândia e Barra Bonita, SC...27	
Figura 4 – Vista de superfície do sítio São Jorge III	28
Figura 5 – Artefato do sítio São Jorge III	28
Figura 6 – Vista de superfície do sítio São Geraldo I	29
Figura 7 – Artefato do sítio São Geraldo I	29
Figura 8 – vista da superfície da área do sítio São Geraldo III	29
Figura 9 – Artefato do sítio São Geraldo III	29
Figura 10 – Panorama do sítio Lajeado Cachorro A e B	30
Figura 11 – Artefato do sítio Lajeado Cachorro A	30
Figura 12 – Panorama do sítio Lajeado Cachorro II	31
Figura 13 – Artefato do sítio Lajeado Cachorro II	31
Figura 14 – Panorama do sítio Barra Bonita I	31
Figura 15 – Artefato do sítio Barra Bonita I	31
Figura 16 – Vista do sítio Barra Bonita II	32
Figura 17 – Artefato do sítio Barra Bonita II	32
Figura 18 – Panorama da área do sítio Linha Polaca IV	32
Figura 19 – Artefato do sítio Linha Polaca IV	32
Figura 20 – Panorama da área do sítio Linha Placa III – A	33
Figura 21 – Artefato do sítio Linha Polaca III – A	33
Figura 22 – Panorama da área do sítio Linha Placa II	34
Figura 23 – Artefato do sítio Linha Polaca II	34
Figura 24 – Realização das sondagens N/S L/O no sítio arqueológico Linha Polaca IV	35
Figura 25 – Artefato do sítio Linha Polaca IV	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 HISTÓRICO DE PESQUISAS REALIZADAS NO OESTE CATARINENSE	16
1.1 ELEMENTOS REGIONAIS	16
1.2 ATUAÇÃO DO PRONAPA	20
1.3 O SURGIMENTO DE NOVAS PERSPECTIVAS PARA ARQUEOLOGIA REGIONAL	23
2 PEQUENA CENTRAL HIDROELÉTRICA SÃO JORGE UM ESTUDO DE CASO	26
2.1 TOMANDO PARTIDO DO CONHECIMENTO PRODUZIDO EM CAMPO	26
2.2 DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS: UM PEDAÇO DO PASSADO	28
2.3 ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA: UTILIZAÇÃO DA TERMINOLOGIA TRADIÇÃO	35
2.4 EXPOSIÇÃO DAS PROBLEMÁTICAS DE ASSENTAMENTO PARA A REGIÃO DO RIO DAS ANTAS	36
2.5 HIPÓTESE TEÓRICA DE ASSENTAMENTO PARA A REGIÃO DO RIO DAS ANTAS	42
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	44

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivos expor características resultantes do material, oriundo da pesquisa de campo desenvolvida nos municípios de Romelândia e Barra Bonita, durante projeto de arqueologia preventiva por conta da instalação de uma Pequena Central Hidrelétrica na região no ano de 2010, foram localizados e escavados onze sítios arqueológicos, compostos por material lítico e cerâmico (LINO, 2010), problematizando o meio em que os estudos inserem-se. O trabalho é conduzido através de estudos da bibliografia referente à cultura material, propondo possíveis hipóteses sobre sistemas de assentamento para o local. Por meio da metodologia analisada subdividiu-se o mesmo em uma introdução e dois capítulos: Na introdução tenta-se discutir um pouco mas sem muito aprofundamento sobre conceitos básicos relacionados às pesquisas arqueológicas e sua área de estudo; O primeiro capítulo trazendo um histórico de pesquisas arqueológicas de caráter pré-colonial do Oeste Catarinense; O segundo um breve resumo do contexto de cada sítio, uma problematização das características encontradas em campo, um comparativo com trabalhos já existentes e formulações de possíveis hipóteses de ocupação e assentamento para a região específica do Rio das antas em que foi realizada a pesquisa.

Palavras chaves: Arqueologia de Contrato, Povoamento Jê e Ocupação Pré-colonial

INTRODUÇÃO

Um grande desafio surge ao historiador quando à inexistência da documentação escrita, sendo ela, produzida ou não, pela sociedade estudada. Por vezes também o historiador se depara com fontes da qual não possui um amplo domínio, então, se faz necessário um suporte realizado por pessoas especializadas na área de interesse para obter o acesso mais confiável as fontes. Estas fontes da qual o historiador não é capaz de traduzir sozinho por conta da inexistência ou falta de documentos, principalmente escritos. Por isso, a interdisciplinaridade entre os dois campos possibilita ampliar o leque de possibilidades investigativas sobre o passado. A arqueologia é uma das áreas do conhecimento que surgiu inicialmente com intuito de interpretar e auxiliar no domínio das fontes do passado pré-histórico¹, nesse contexto reporto-me ao uso da arqueologia pré-colonial² para a interpretação dos estudos relacionados às fontes do passado regional.

A arqueologia surge inicialmente como uma subdisciplina da história, uma maneira de disponibilizar as fontes sobre o passado, a fim de complementares informações existentes com evidências matérias sem escrita, jamais se constituindo como parte da antropologia ou uma ciência autônoma³. Nas primeiras décadas do século XIX começou a surgir a preocupação em pró da preservação de documentos e de arquivos históricos, nesse contexto, surge uma consequência natural dessa preocupação que fez com que grandes iniciativas arqueológicas de coleta e publicação de artefatos e de outros aspectos da cultura material⁴, adquirissem maior atenção.

Mesmo assim até a década de 1950 a arqueologia brasileira era de caráter muito amadorístico e superficial, movido pela ausência, e quase que pela totalidade da falta de profissionais capacitados, a não ser por estrangeiros que vinham pesquisar esporadicamente no país. A parti da década de 1960 pessoas preocupadas com campanhas de preservação do patrimônio Material, promovem o surgimento e concretização da arqueologia Brasileira.

¹ Pré- história, definida como todo o imenso período anterior a invenção da escrita, no continente americano, a pré-história tem como referência tradicional a chegada dos europeus ao continente, fins do século XV (FUNARI e NOELLI, 2006 p.13).

² Utilizamos o termo pré-colonial por se tratar de um passado mais recente da pré-história, compreendido entre 1500 quando os europeus chegaram a este território até antes do contato com a colonização do européia, podendo variar em alguns anos dependendo de cada região e cada caso.

³ Maiores informações consultar Dias (2003, p.8 à 12).

⁴ Cultura material é o conjunto da materialidade de um povo, de tudo que foi de alguma forma utilizado pelo homem, os materiais, artefatos e resquícios resultantes de elementos palpáveis e concretos desses processos. (FUNARI e NOELLI, 2006 p.20)

Diferentemente das outras ciências sociais no Brasil, a arqueologia surgiu dentro das Universidades, não através de projetos intelectuais específicos, mas a partir de campanhas preservacionistas, promovida por alguns poucos intelectuais indignados com a destruição acelerada dos sítios arqueológicos e a falta de profissionais especializados para resgatá-los (BARRETO, 1999/2000, p.40 apud DIAS, 2003, p.8).

Na década de 1970, transformações importantes no terreno das ciências humanas acontecem. Ocasionalmente rupturas que puseram em cheque os marcos conceituais da história, eis que surge a história cultural ou nova história cultural. Esse campo abriu muitas possibilidades de trabalho como por exemplo o homem pelo sentido que ele ou que a sociedade o atribui com imagens, símbolos e representação de seu mundo. Para Marcos C. Santos (2010), a partir daí passa-se a entender a possibilidade de inúmeras fontes, através de sentidos que o homem produz e produziu. Com isso, o trabalho arqueológico adquire maior visibilidade.

As pesquisas arqueológicas podem analisar diferentes sítios arqueológicos, desde os mais recentes como sítios históricos⁵ até e os mais antigos como os pré-históricos. Por isso as evidências e estudos realizados alcançam um grande leque de abrangência, com a grande diversidade temporal e cultural, gerando inúmeros estudos e pesquisas na área. Cada grupo é único, porém, cada um viveu e produziu objetos que melhor se adequassem para sua realidade, a fim de poder desempenhar suas funções e alcançar com o maior êxito possível as ações do seu cotidiano.

Considera-se documentos da arqueologia os vestígios sólidos da presença humana, como materiais líticos (feito de pedra), cerâmica (feito da transformação da argila), resíduos de comida e vestígios para produção de diversos artefatos (ossos, conchas, madeiras, pele de animais e outros.), arte rupestre, enfim, todo e qualquer material (seja ele intacto, em pedaço, sobra ou resíduo), que passou por alguma transformação na mão do homem.

No trabalho arqueológico, os arqueólogos dispõem de meios para que as pesquisas ocorram, como por exemplo, há tipologia, ela vem a auxiliar para definir uma cultura a ser estudada. Observando a evolução das camadas de terra presentes no sítio, é possível delimitar, não só a área e a cultura a ser estudada mas também, muitas coisas surgem fruto dessa observação pelo profissional em campo⁶. O trabalho arqueológico também auxilia a antropologia a fim de estudar o legado da cultura

⁵ Entende-se por sítio histórico aquele que não é produzido por uma cultura pré-histórica (sendo proveniente na maioria dos casos da cultura afro, da cultura européia, bem como culturas indígenas posterior ao contato com escrita, entre outras), que apresenta fontes de documentação escrita comprovando sua existência.

⁶ Emperaire (1967, p.64).

material destes povos do passado, muito do trabalho consiste em interpretações análogas e etnográficas⁷. Por meio desse trabalho se recompõem a história passada usando os restos da cultura material que a população foi deixando em seu lento peregrinar. Reconstituir a história por meio de materiais que nos foram legados dos antigos habitantes é uma função bastante difícil, porque os dados que ainda restam do passado muitas vezes são escassos, requerem atenção em um rigoroso processo para identificação do material. Os dados que o arqueólogo dispõe para sua análise provem dos lugares em que os grupos a serem estudados se assentaram por períodos mais ou menos longos, explorando o ambiente e modificando-o para atender suas necessidades culturais, sociais, econômicas e políticas⁸.

A região oeste catarinense (assim como todo nosso atual território brasileiro), tem muito potencial arqueológico e principalmente de caráter pré-colonial, o foco desta pesquisa é trabalhar com sítios pré-coloniais. Apesar de trabalhos intensos terem sido realizados nas décadas de 1960 até início dos 1980, os mesmos são de caracteres preliminares⁹, os dados que são oferecidos pelos pesquisadores do passado são escassos e muitas vezes pouco explícitos e cobrem muito mal o território¹⁰, muitas pesquisas podem ainda ser realizadas através da interpretação desse material.

Por meio de dados da cultura material é que características regionais se fazem importante, pensando na reconstrução da história do passado pré-colonial, que também nos pertence e é legada. A problemática de divulgação e da popularização do conteúdo das pesquisas arqueológicas (sendo elas acadêmica ou de contrato), é latente, necessita ser mais explorada.

Dos anos 1990 pra cá vários projetos de arqueologia de contrato somaram importantes informações para a arqueologia regional. É importante ter consciência que a arqueologia de contrato visa lucros, e que é diferente da arqueologia acadêmica¹¹. A arqueologia praticada através de contrato necessita de aspectos diferenciados para o estudo, contemplando técnicas e abordagens um pouco distintas. As pesquisas de arqueologia de contrato são desenvolvidas em lugares específicos, que comportam algum tipo de empreendimento. Sobre a construção é agregado um valor elevado, tanto para as obras como para os trâmites legais, e para tais construções se efetuarem é necessário que a

⁷ A comparação entre grupos étnicos, chamada de analogia etnográfica, é, também, metodologia útil para se interpretar as sociedades extintas. A analogia etnográfica é utilizada na identificação de semelhanças/diferenças entre contextos tendo por bases teorias gerais que a proporcionem e suportem com argumentos relevantes (REIS, 2002, p.35).

⁸ Schmitz e Beber, 2011, p 244.

⁹ Dias e Hoeltz, 1997.

¹⁰ Schmitz e Beber, 2011, p 244.

¹¹ A arqueologia acadêmica como o próprio nome já diz é produzida em um mundo acadêmico de ensino e aprendizagem, onde o conhecimento científico é o principal objetivo.

obra realizada gere retorno financeiro aos donatários. Apesar das diferenças existentes entre arqueologia de contrato e acadêmica, sabemos que, através de pesquisas feitas por meio de arqueologia de contrato, é possível produzir bons resultados científicos, a fim de contribuir com a qualidade dos estudos de uma história a nível local e regional.

Existem inúmeras empresas que prestam consultoria em arqueologia, excelentes trabalhos também podem ser e são produzidos como é o caso do trabalho realizado por Silvano Silveira da Costa (2012), que apresenta o Levantamento Arqueológico e o Resgate do Canteiro de Obras da UHE (Usina Hidro Elétrica) Foz do Chapecó-SC. Teve início em 2006, avaliaram áreas de ocorrência de material arqueológico e identificaram 14 sítios lito-cerâmicos, pertencentes à Tradição¹² arqueológica Tupiguarani e Tradição Umbu. Da fase¹³ mais antigas, até as mais recentes, alguns identificados exclusivamente líticos e outras exclusivamente cerâmica. É importante perceber que essas pesquisas servem de alicerce e base para a construção do passado pré-colonial.

Podemos citar outro importante trabalho, como o desenvolvido por Jaisson Teixeira Lino (2009), que vem a somar forças com novos olhares e perspectivas de cunho teórico para a arqueologia de contrato desenvolvida no Brasil. Em sua pesquisa Lino (2009), trabalhando com a arqueologia Guarani, nos apresenta que quando há existência de dados históricos, eles são de suma importância para a construção desse passado pré e pós contato para a arqueologia, destaca-se também a presença dos dados ambientais da região estudada, que é possível retirar importantes informações que contribuam com a interpretação da pesquisa. Muitas vezes o arqueólogo dispõem de restos materiais, ou fontes históricas, mas o que se fazer quando não consegue extrair muitas informações desses dados. Parte-se para a análise dos dados ambientais, que por sinal, são a grande maioria dos dados obtidos em campo, e resta ao arqueólogo problematizar o meio para achar alternativas passíveis de interpretação da ocupação deste espaço.

É crescente a preocupação que decorre da forma como a análise teórica é interpretada e construída sobre o passado pré-colonial, principalmente no tocante da cultura Jê, gerando assim inúmeras interpretações, algumas delas sendo pouco exploradas no sentido teórico ou contendo informações confusas e um pouco conturbadas. Surge aí o interesse em estudar o passado pré-colonial pertencente à região em específico. Por perceber a problemática na lacuna existente dentro do âmbito

¹²Tradições, conceitos que expressariam os ritmos da distribuição espaço-temporal da cultura material de distintos grupos pré-históricos identificados a partir das atividades do PONAPA (DIAS, 2010, p.42).

¹³Fase: qualquer complexo (complexo conjunto de elementos culturais associados entre si) de cerâmica, líticos, padrões de habitação etc. relacionados no tempo ou no espaço, em um ou mais sítios (PROUS, 1992, p. 111 apud COSTA, 2012, p.30).

das pesquisas arqueológicas sobre o povoamento Jê, com ênfase, na discussão teórica e na formulação sobre hipóteses de sistema de assentamento¹⁴ para a região, é que se soma a vontade de conhecer, compreender e pesquisar o povo Jê.

O presente trabalho possui as fontes disponíveis de caráter arqueológico pré-colonial e pertencentes à cultura material. Essa coleção de material é oriundo da pesquisa de campo que foi desenvolvida nos municípios de Romelândia e Barra Bonita, durante o projeto de arqueologia preventiva por conta da instalação de uma Pequena Central Hidrelétrica (PCH), na região no ano de 2010 (LINO, 2010). O estudo da coleção dos líticos pré-coloniais e dos sítios arqueológicos que são fruto da pesquisa de campo em prol da construção da PCH São Jorge, limita-se a revisão bibliográfica e teórica; e análise comparativa somada à elaboração de hipóteses de assentamento para a região da pesquisa.

Por meio de uma pesquisa qualitativa, com aspectos de interação e abordagens de teorias processuais e pós- processuais. Utilizando uma metodologia de análises comparativas, o objetivo é dialogar com fontes bibliográficas orientando-se pela luz das teorias estudadas somados aos importantes dados empíricos que resultam dessa análise dos relatórios de campo. A fim de estabelecer uma hipótese para a ocupação humana que tenha ocorrido naquele contexto.

Os objetivos são contribuir com interpretações do povoamento pré-colonial, sobretudo para o povoamento Jê no oeste catarinense; divulgar pesquisas arqueológicas desenvolvidas em âmbito da arqueologia de contrato; analisar informações com base na cultura material que foram encontrados em campo; e propor modelos de sistema de assentamentos para a região do Rio das Antas entre os municípios de Romelândia e Barra Bonita.

A presente monografia foi estruturada e dividida em Dois capítulos da seguinte forma: O primeiro é apresentado um contexto com algumas das principais pesquisas arqueológicas que vem sendo desenvolvidas no Oeste Catarinense. Intitulado como “HISTÓRICO DE PESQUISAS REALIZADAS NO OESTE CATARINENSE”, um apanhado geral que tem início lá no começo dos trabalhos do PRONAPA¹⁵ até nossa atual conjuntura de pesquisas, dentro do contexto da arqueologia

¹⁴ Pesquisar o padrão de assentamento é arqueologicamente falando como os homens atuaram, decidiram, racionalizaram, disputaram e escolheram em termos sociais, políticos, econômicos, religiosos, ambientais e cujas marcas são os vestígios remanescentes do espaço vivido e construído numa paisagem, para mais informações consultar Reis (2002, p. 27).

¹⁵ PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – instalado no Brasil em 1965 com auxílio norte-americano pretendia, até 1971, através de prospecções e testes, elaborar, sem demora, um quadro geral das culturas brasileiras. Os pesquisadores formados neste programa criaram o hábito de realizarem numerosas prospecções rápidas, interessando-se, sobretudo, por sítios superficiais, com coleta de material em superfícies limitadas, para serem estudados como amostragem. Várias instituições importantes, como o Museu Nacional, o Museu Paulista, o Museu de Antropologia da

pré-colonial, sendo ela acadêmica ou de contrato, mapeando alguns trabalhos produzidos.

No capítulo dois intitulado “PEQUENA CENTRAL HIDROELÉTRICA SÃO JORGE UM ESTUDO DE CASO”, procuramos apresentar características gerais do nosso estudo, um breve resumo dos sítios é apresentado contextualizando em nível local e regional. A metodologia empregada para a análise teórica da proposta de padrão de assentamento comporta um conjunto de grande complexidade e ampla contextualização: Áreas de atividade, Mobilidade, Distribuição, Localização, Hierarquia de recursos, Tamanho, Decisões, Forma e função, Estocagem, Duração, Relações sociais, Defesa, Organização da tecnologia lítica; sugerimos que a percepção das variáveis se dê por meio de análises comparativa com outros trabalhos já produzidos sobre sistemas de assentamento como é o caso das análises feitas por Maria José Reis (2007), e assim elaborando a formulação de uma hipótese de assentamento para a região do Rio das Antas.

Universidade Federal de Santa Catarina e o Instituto de Pré-História (IPH) da Universidade de São Paulo não entraram no esquema do PRONAPA dedicando-se, de preferência, ao estudo minucioso de uns poucos sítios típicos. Estas divergências levaram alguns autores a oporem suas filosofias de trabalho. Na opinião de Prous, as duas são complementares e a divisão encontrada no Brasil, entre a escola de Ford (propagada pelo casal americano Clifford Evans e Betty J. Meggers) e outras escolas (como do casal francês Joseph e Annette L. Emperaire) é um dos entraves ao desenvolvimento harmonioso da arqueologia nacional (PROUS, 1992, p. 15-16 apud COSTA, 2012 p.29).

1 HISTÓRICO DE PESQUISAS REALIZADAS NO OESTE CATARINENSE

1.1 ELEMENTOS REGIONAIS

A Região do Oeste de Santa Catarina assim como todo o território brasileiro foi amplamente povoada desde tempos remotos. A maior prova que dispomos são objetos e artefatos (líticos, cerâmicos entre outros que são elementos pertencentes à cultura material), frequentemente encontrados em vários lugares da região. O acervo regional disponível de material arqueológico encontrado é fruto de escavações, mas também doações de moradores, das quais pouco ou nada o pesquisador pode saber do seu contexto e história¹⁶. A grande parte deste material é oriundo de pesquisas de arqueologia de contrato que majoritariamente é desenvolvida nos vales de grandes, médios e pequenos rios. O que não significa dizer que as populações indígenas do passado não estiveram presentes em tudo o grande território regional e nacional. Eles estiveram sim presente, mesmo que fosse de passagem e a prova é que deixaram seus rastros materiais até nos lugares mais improváveis possíveis. É possível destacar que a prática arqueológica em Santa Catarina pode ser enquadrada, quanto a sua orientação teórico-metodológico, em quatro tipos: Trabalhos pioneiros; PRONAPA ou sob influência dele; Pesquisas em Arqueologia de Contrato e: Sob orientações teóricas processuais e pós-processuais¹⁷.

Através de pesquisas arqueológicas Jaisson Teixeira Lino (2013), apresenta dados que o Oeste Catarinense possui uma ocupação humana de cerca de 8 mil anos. Mas aproximadamente há 3 mil anos, a região começou a ser mais densamente ocupada em virtude de migrações constantes advindas da Amazônia, (Guarani), e da região centro-oeste do Brasil (Jê). Em algum dado momento ocorre uma grande mudança, porque além da utilização do lítico como ferramenta para os mais diversos usos e fins, esses povos passam a dominar a técnica de fazer e produzir cerâmica, o que levou também ao desenvolvimento do cultivo da agricultura de subsistência. Houve diferentes sistemas de povoamento regional pré-colonial, através de assentamentos de dois povos com matriz linguístico-cultural diferente: os Guarani e os Jê.

Na região, os Guarani ocuparam principalmente margens dos médios e grandes rios. Ao longo de barrancas e várzeas na encosta dos Rios Uruguai e Iguaçu foram identificados centenas de sítios

¹⁶ Maiores informações consultar Carbonera (2014).

¹⁷Para mais informações consultar Lino (2009, p.13).

arqueológicos associados a estes povos. Com sua área de predominância estabelecida próximo à costa Sul Brasileira.

Nesse contexto Lino (2009), nos ajuda a entender melhor um pouco do Universo Guarani, na área do seu estudo, a ocupação Guarani contemplou uma grande duração, se sustentando do ecossistema e da própria terra.

A partir de dados arqueológicos e etno-históricos, propõe-se um modelo de mobilidade e área de domínio que contemple uma história Guarani “de longa duração”, que se desenvolveu com sucesso por meio da abundância de recursos disponíveis na área, principalmente no que se refere à caça e coleta, além dos produtos da roça, sendo manejados de maneira dinâmica, garantindo fontes de alimentação e usos diversos durante todo ano. (LINO, 2009, p. 261)

Temos um histórico muito maior de pesquisas desenvolvidas em relação ao povo Guarani e assim consegue-se ter uma certeza muito maior de seu modo de vida¹⁸.

No tempo da conquista o povoamento Jê tinha seus antepassados conhecidos e denominados como Guainá, depois como Coroadó, além de outros tantos nomes. Telêmaco M. Borba (1882) introduziu o nome Kaingang para designar todos os índios não pertencentes à família linguística Tupiguarani do Sul do Brasil e essa denominação perdurou até a atualidade¹⁹. No passado pré-colonial esse povo ocupou principalmente áreas de média encosta e algumas várzeas, próximos a rios de pequeno, médio porte, também seus afluentes, espalhados principalmente entre a região meridional do território Sul Brasileiro.

Pesquisas mostram que a primeira separação entre os Jê ocorreu entre os Jê meridionais²⁰ e o restante. Por volta de três mil anos atrás é quando teriam chegado à região que atualmente ocupam no sul do Brasil. Também não se sabe por que migraram embora um estudo de relevo geográfico mostra que se dirigiam a uma região de planalto semelhante a seu habitat originário²¹.

O grupo Kaingang dos séculos XVI ao XX é descrito, como um coletor de espécies nativas, especialmente pinhão que constitui sua base econômica de grandes implicações. Em paralelo é um pequeno horticultor/agricultor de milho, mandioca, amendoim, abóbora e feijão. Praticava também a caça não desprezando qualquer recurso natural a seu alcance. (Becker, 1985, p.79 apud Reis, 2002, p.177)

¹⁸ Como o foco desta pesquisa não são os Guarani, mas sim o povoamento Jê, para mais informações sobre o povoamento Guarani consultar Lino (2009).

¹⁹ Schmitz, Pedro I.; Beber, Marcus (2011, p.243).

²⁰ Aqueles povos que habitam e habitaram o planalto meridional do Sul-Americano, maiores informações consultar (DIAS e HOELTZ, 1997; 2010; HOELTZ e BRUGGEMANN, 2011; EMPERAIRE, 1967; NOELLI, 1999-2000; REIS, 2002; SCHMITZ e BEBER, 2011; SCHMITZ, 2013)

²¹ Para mais informações consultar José A. Reis (2002, p.172).

O plantio de suas roças se encontravam nas bordas da mata, em áreas de morros naturais no espaço de transição de um ecossistema e outro. Tratava-se de uma agricultura de subsistência, pouco elaborada tecnicamente, embora nós atualmente não dispomos de dados o suficiente, para saber, o quanto eram elaborados ritualmente e simbolicamente. A arqueóloga Kimiye Tommassino (1995, p.60), nos apresenta dados interessantes relevantes aos Kaingang “sabermos que boa parte da alimentação provinha do milho, que a bebida ritual era à base de milho e mel, a existência de uma explicação mitológica de sua origem (mito de Nhára) aponta para um sistema de representações e práticas sociais associadas ao milho”²².

O índio Kaingang está muito presente no oeste catarinense e deixou marcas indeléveis em nomes de conhecidas localidades, como Xaxim e Xanxerê²³ (na nossa região o povo Jê hoje é subdividido em dois grupos étnicos diferentes: os Kaingang e os Xokleng). O povoamento Jê ainda foi pouco estudado, principalmente no tocante regional, mas dados interessantes que já dispomos através das bibliografias estudadas convêm ser expostos, como, por exemplo, suas estruturas subterrâneas, seus sepultamentos, estruturas circulares e aterros são associados à sua religião e a importância da sua tecnologia lítica.

Suas estruturas subterrâneas no tocante ao território brasileiro se manifestam como um mesmo fenômeno, com a área de ocorrência arqueológica conhecida até o momento se entenda apenas como sul do Estado de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, em altitudes que variam na sua maioria entre 600 a 900 m, localizados preferencialmente nas encostas e topos de elevações. Aproximadamente estima-se em 80 sítios conhecidos e registrados nos três estados do sul. Contendo geralmente estruturas circulares e elipsoidal²⁴, oscilando entre 2 a 18 m de diâmetro e 8 a 10 m no eixo maior e 6 a 9 m no eixo menor. Algumas distribuídas como unidades isoladas, mas a maioria em aglomerados de 2 a 36 unidades, apresentam-se em disposição circular, semicircular, em linha, retangular e em muitos casos de formas irregulares. Suas estruturas são cavadas em rochas em decomposição ou em terra compactada, com camadas de ocupação variando de 10 cm a 1 m, com a presença de fogueira, em alguns casos encontra-se material lítico e cerâmico em seu interno, porém a uma maior incidência em seu externo²⁵.

²² Reis (2002, p. 178).

²³ Schmitz e Beber (2011, p.243).

²⁴ O **elipsoide** é a **forma** geométrica gerada pela rotação de uma semi-elipse em torno de um de seus eixos. A **definição** da excentricidade do **elipsóide** pode ser definida como a proporção entre a diferença de comprimento dos semi-eixos de uma elipse e o semi-eixos maior, para mais informações consultar http://www.ufrgs.br/eng-cart/Teste/elip_exp.html.

²⁵ Reis (2007, p. 33).

Segundo estudos relacionados a padrão de subsistência, sabemos que a presença de estruturas subterrâneas indica uma sedentarização relativa, em que a base da alimentação seria a coleta sistemática com técnicas de conservação do pinhão, associadas à caça abundante nos bosques de pinheiros, mas também temos a presença de práticas agrícolas (não se sabe ao certo qual a desenvoltura de suas técnicas), com indicativos de silos, mostrando uma complexa rede de organização social ao que tudo indica.

Tendo sítios com datações variando entre 1800 a 250 anos atrás aproximadamente. Aos sítios são associadas estruturas que comumente encontram-se localizadas próximas, formadas por aterros circulares e elipsoides, com diâmetro máximo de 5 m, com eixo oscilando de 1,70 m a 3 m, aparecendo agrupadas num conjunto de 9 a 40 unidades, por meio de dados etno-históricos é possível identificar que estes aterros são sepultamentos, porém através de pesquisas feitas em específico na nossa região, por meio do material coletado em campo e levado até a análise laboratorial não se foi possível identificar restos ou fragmentos humanos (devido à acidez do solo)²⁶.

A cultura Jê também são associados locais próximos aos sítios que tem a forma oval ou semi-circular na sua maioria das vezes, geralmente localizadas nos locais mais elevados, como topo de morros ou colinas e que a bibliografia existente denomina por “danceiros”. Talvez seja muito provável que eles façam parte da cultura ritualística dos Jê.

Sobre seus artefatos líticos é possível afirmar que a cultura Jê confeccionava suas pontas de flechas e pontas de lanças de madeira. Por isso a inexistência de projétil de pedra em sua cultura. Porém, conforme Maria José Reis (2007, p. 34), nos afirma, “Um balanço geral das pesquisas sobre o tema permite concluir que numerosas lacunas existem e que os resultados obtidos são, deste modo, insatisfatórios”.

²⁶ Reis (2007, p. 199).

1.2 ATUAÇÃO DO PRONAPA

Conforme nos lembra Costa (2012, p.11), “pesquisar a ocupação pré-histórica do Alto Uruguai²⁷ é de extrema relevância, pois compreende uma região que apresenta um enorme potencial arqueológico”.

Um grande histórico de pesquisas arqueológicas foram desenvolvidas na região do oeste catarinense num passado não tão distante, porém, conforme aponta, contudo muitos de seus resultados são análises superficiais muitas vezes de maneira precipitada²⁸. Estas análises podem ser refeitas obtendo novos resultados com outras perspectivas analíticas que venham a contribuir com a interpretação do passado pré-histórico da região. Desde 1950 as pesquisas arqueológicas foram desenvolvidas e realizadas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), que ocorreu entre no início da década de 1960 e fim 1970.

As primeiras pesquisas arqueológicas desenvolvidas em nossa região ocorrem em virtude da colonização e alocação das pessoas que vem se abrigar aqui. Estes colonos, das localidades, acabam por encontrar na maioria das vezes trabalhando ou desmatando (prática comum para época), cerâmicas contendo esqueletos e ossadas de humanos. Como os boatos se espalham logo, pessoas vem pesquisar e saber das origens desse material para saber do que se trata. Nesse processo se junta às pesquisas que de uma forma ou outra se filiam direta ou indiretamente ao PRONAPA.

²⁷O termo “Alto Uruguai” compreende a área localizada entre os Rios do Peixe e Peperi-Guaçu. (COSTA, 2012, p.14)

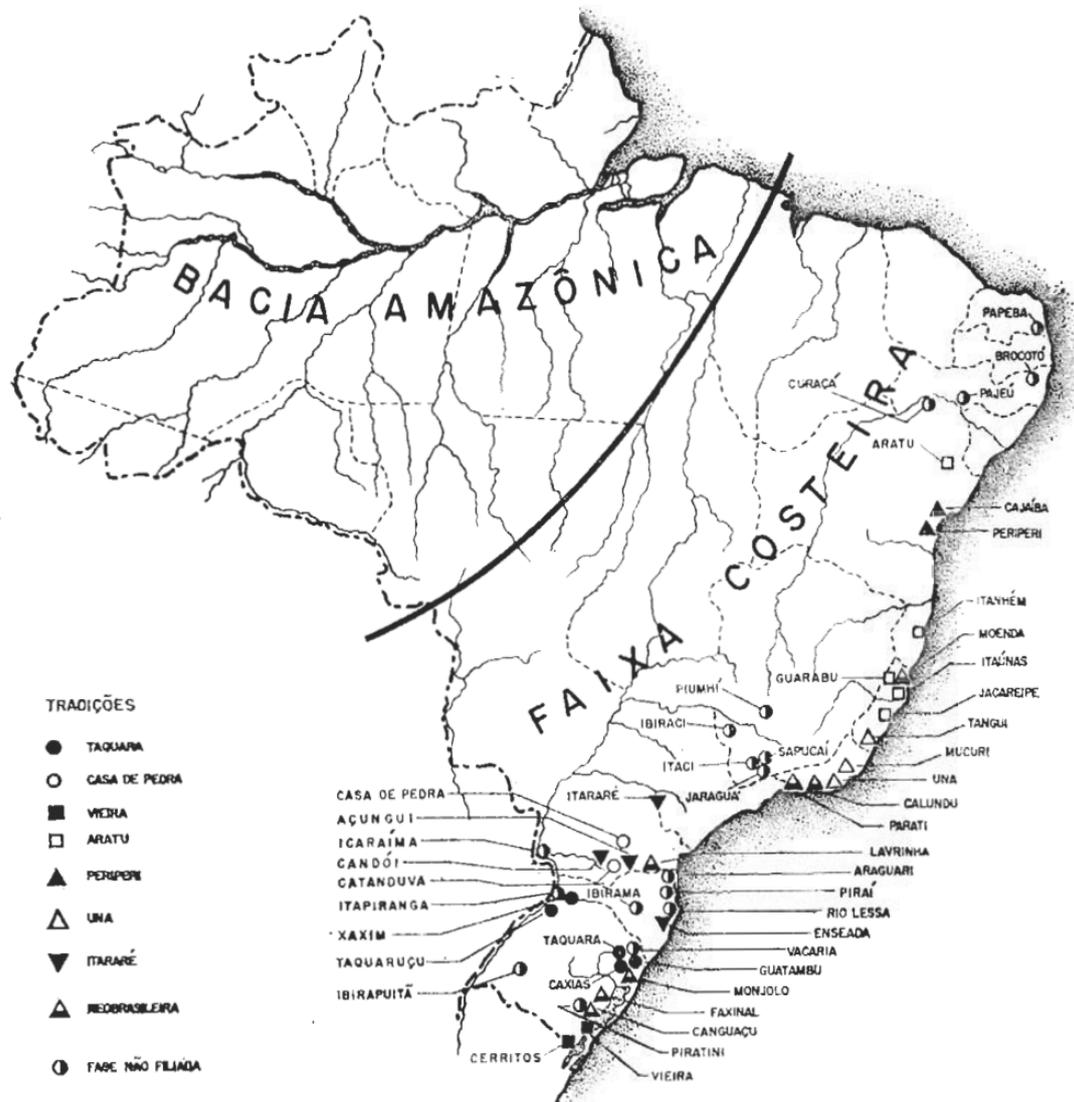
²⁸ Conforme nos aponta Adriana T. Dias (1997, p. 75), aonde é perceptível a profunda análise crítica que ela apresenta a esse período.

Figura 1 – Localização geográfica das fases cerâmicas identificadas no Brasil até 1971



Fonte: PRONAPA, 1971, p.5.

Figura 2 – Localização geográfica Filiada às tradições ceramistas regionais e Neobrasileira, identificadas na faixa costeira até 1971



Fonte: PRONAPA, 1971, p.8.

Das pesquisas que se destacam podemos falar, do trabalho de Ignácio Pedro Schmitz em 1957, que publicou um estudo sobre uma ocupação Tupiguarani no município de Itapiranga no oeste do estado de Santa Catarina. Neste período específico as fases arqueológicas ainda não estavam desvendadas por completo, o que implicou no diagnóstico específico, que só foi possível alguns anos mais tarde com o desenvolver das pesquisas na região.

Alguns anos depois Pe. João Alfredo Rohr em 1966, visitou, localizou e registrou diversos outros sítios arqueológicos no município de Itapiranga e um no município vizinhos de Mondai. Nos

trabalhos realizados em sua pesquisa a maioria compunha-se por sítios cerâmicos guaranis, mas alguns com vestígios de grupos pré-cerâmicos dos quais foram atribuídos à cultura alto-paranaense (Humaitá).

Walter F. Piazza em 1969, fez sua pesquisa em duas partes na primeira localizou e registrou no lado catarinense, entre os Rios Peperi-Guaçu, Irani, nas margens do Uruguai e seus afluentes. Classificados alguns sítios como pertencentes à fase Xaxim (não Tupiguarani) e outros a fase Mondaí (pertencente à tradição Tupiguarani). Na segunda fase do trabalho do lado catarinense localizou e registrou mais sítios arqueológicos, entre os Rios Irani e do Peixe também na margem do Uruguai e seus afluentes. Classificados e identificados pertencentes à fase Tamanduá (pré-cerâmica), fase Siruvi (pré-cerâmica), fase Itá (Tradição Tupiguarani), fase Ipira (Tradição Tupiguarani) e fase Xaxim.

Eurico Theófilo Miller em 1967, na margem esquerda do rio Uruguai e seus afluentes localizou e registrou sítios arqueológicos nos municípios de Tenente Portela e Porto Lucena. Diversos sítios classificados como pertencentes à fase Caaguaçu (pré-cerâmica), fase Amandaú (pré-cerâmica), fase Taquaruçu (Tradição não Tupiguarani), fase Taquara (Tradição não Tupiguarani), fase Irapuã, e fase Comandai (Tradição Tupiguarani).

Em 1974 Maria José Reis trabalhou em vários municípios da região onde fez registros e localizou 21 sítios, um total de 97 casas subterrâneas e trinta aterros monticulares, compreendendo a quantidade de sítios nos municípios: oito em Palmitos, três em Concórdia, três em Pinhalzinho, dois em Ipumirim, dois em Joaçaba, um em Água Doce, um em Chapecó e um em São Carlos. A autora assemelha as características a várias fases Catanduva, Cantu e Cotia.

Ainda em 1984 Rohr apresenta sítios nos municípios de Águas de Chapecó como pertencentes à Tradição Tupiguarani, para os municípios vizinhos de Mondaí, Caxambu do Sul e São Carlos sítios da Tradição Tupiguarani e Humaitá associados e um sítio classificado como sinalizações rupestres.

1.3 O SURGIMENTO DE NOVAS PERSPECTIVAS PARA ARQUEOLOGIA REGIONAL

A partir da década de 1980 teve início uma nova fase de pesquisas em toda a região com trabalhos voltados para o licenciamento ambiental, ligados à construção de Usinas Hidroelétricas, empreendimentos imobiliários, construção e duplicação de estradas. (COSTA, 2012 p.33)

Destacam-se mudanças paradoxais na relação das pesquisas arqueológicas, anterior e posterior, novas metodologias se fazem necessárias para o trabalho profissional. O licenciamento ambiental passa a integrar também os relatórios arqueológicos.

Goulart em 1997 trabalha no Projeto de Salvamento Arqueológico Uruguai (PSAU), tendo várias atividades distintas, mas com cunho centrado na pesquisa. Seu objetivo foi cobrir arqueologicamente a área de abrangência de futuros reservatórios e diagnosticar por assim dizer os locais de ocorrências e incidências arqueológicas.

Compreendendo a região das barragens Itapiranga, Machadinho, Itá e Barra Grande/SC e RS. Também com levantamentos sistemáticos ao longo do Rio Chapecó, compreendendo os municípios de Ipuacu e São Domingos.

Durante trabalhos de pesquisa realizados na UHE Quebra Queixo Caldarelli de 1999 a 2002 encontrou no município de Ipuacu e São Domingos sítios arqueológicos pré-históricos classificados como lito-cerâmico da Tradição Itararé.

Levantamentos arqueológicos sistemáticos feitos na Região do Rio Irani no município de Arvoredo, por Caldarelli 2007, nos trabalhos das áreas afetadas pelas PCHs Alto Irani e Plano Alto, mostra que o material lítico e cerâmico encontrado e observado Pertence à Tradição Taquara.

Conforme COSTA (2012), o projeto de Levantamento Arqueológico e o Resgate do Canteiro de Obras da UHE foz do Chapecó, iniciando em 2006, identificado 14 sítios a maioria lito-cerâmicos, da tradição Tupiguarani de fases mais recentes (composta exclusivamente por cerâmica) a mais antigas (composta exclusivamente por líticos).

Os conceitos de Tradição e fase foram às ferramentas metodológicas utilizadas pelas primeiras gerações de arqueólogos brasileiros vinculados ao PRONAPA para propor um esquema preliminar do desenvolvimento histórico-cultural da ocupação pré-colonial brasileira. O PRONAPA consistia em um desdobramento para o território nacional das pesquisas de Betty Meggers e Clifford Evans quanto às rotas de migração e difusão cultural relacionadas à origem da agricultura e da cerâmica nas Terras Baixas da América do Sul. Seguindo uma perspectiva histórico-cultural, sequências seriadas semelhantes para uma mesma região foram reunidas em fases que, por sua vez, formavam Tradições, conceitos que expressariam os ritmos da distribuição espaço-temporal da cultura material de distintos grupos pré-históricos identificados a partir das atividades do Programa. (DIAS, 2010, p.42)

Não podemos deixar de destacar a importância que o PRONAPA teve para se fazer da arqueologia a ciência que ela é hoje. Por meio deles se descobriu e registrou muitos sítios pré-cerâmicos,

cerâmicos, que foram pré-divididos em fases arqueológicas distintas em si, mas também, que apresentam muitas características semelhantes. Alguns permaneceram com caracteres preliminares, pois tinham seu foco voltado para o estudo de sítios que apresentavam cerâmica.

Conforme Costa (2012) nos apresenta, os grupos pré-históricos que podemos encontrar na região do alto Uruguai se divide em dois períodos:

O pré-cerâmico dividido entre as tradições Umbu e Umaitá (alto-paranaense), e o cerâmico dividido nas tradições Taquara e Tupiguarani. Os ceramistas com uma vasta ocorrência em amplo território nacional. Tupiguarani é a tradição que compõem o maior número de sítios da região do alto Uruguai, Paraguai, Argentina e Uruguai e a tradição Taquara/Itararé nos estados do Rio Grande do Sul.

A presença de artefatos diagnósticos da tradição Humaitá em associação a sítios cerâmicos embasaram hipóteses que sugeriam a possibilidade de contatos culturais com as populações agricultoras a partir do início da era cristã. As hipóteses levantadas supõem que esta relação poderia ter se dado através da aculturação dos caçadores coletores da Tradição Humaitá que se transformariam em ceramistas através do contato com as populações Guarani, [...] (DIAS, 2010 p.45)

Também tem a existência dos grupos sem cerâmica, segundo Costa (2012), também são associados às tradições Umbu e Umaitá pertencentes ao território do alto Uruguai e as planícies sul-doeste (oeste de Santa Catarina, Norte do Rio Grande do Sul, Uruguai, Argentina e Paraguai) e zonas contínuas a encosta do planalto (alto-paranaense).

Por meio deste capítulo podemos perceber um pouco de quanto foram intensos os trabalhos realizados na região, principalmente no início com os trabalhos diretos e indiretos do PRONAPA. Como já destacado anteriormente novas pesquisas poderiam surgir de uma nova análise desse material pré-colonial, com interpretações distintas, olhares diferentes, novas contribuições tanto para a análise como para a interpretação teórica dentro da arqueologia que surgiram nesse meio tempo

2 PEQUENA CENTRAL HIDROELÉTRICA SÃO JORGE UM ESTUDO DE CASO

2.1 TOMANDO PARTIDO DO MATERIAL PRODUZIDO EM CAMPO

A PCH São Jorge localiza-se na região do alto Uruguai, mais especificamente nos municípios de Romelândia e Barra Bonita, a divisa Natural do Rio das Antas é onde se localiza também a divisa natural de Municípios. Próximo de onde o Rio Sargento deságua no Rio das Antas formando então um local propício para tornar-se o lago e próximo a barragem, os sítios localizados margeiam o Rio das Antas. Durante o salvamento foi localizado, devidamente e resgatado 11 (onze) sítios lito-cerâmicos. Durante o trabalho de campo a maior parte dos sítios são oriundos de coleta de superfície e foi justamente em superfície que a quantidade de material encontrado se deu de uma forma mais intensa. Mas tiveram também sítios, que se encontrou material em uma profundidade maior mas também não passando de 50 (cinquenta) cm²⁹.

[...] objetivou apontar os acessos existentes aos sítios, bem como, o local aproximado de onde se encontram os artefatos provenientes da ocupação. Em função da margem de erro do GPS Garmin, não foi possível saber exatamente o local de alguns sítios, haja vista, de a maioria destes serem compostos por poucos materiais arqueológicos. (LINO, 2010)

Em campo a equipe realizou reconhecimento, prospecção analítica, sondagens, coleta, intervenção, resgate e preenchimento de fichas de campo. Para a realização das coletas Lino (2010), aponta as seguintes ferramentas de trabalho: “colher de pedreiro, peneira, luvas, pincel, embalagens plásticas, etiquetas de papel, papel milimetrado, prancheta, banqueta, lápis e borracha”. As informações geradas em campo são únicas ajudando na interpretação dos sítios.

A citação a seguir mostra um pouco da seriedade do trabalho desenvolvido pela equipe em campo:

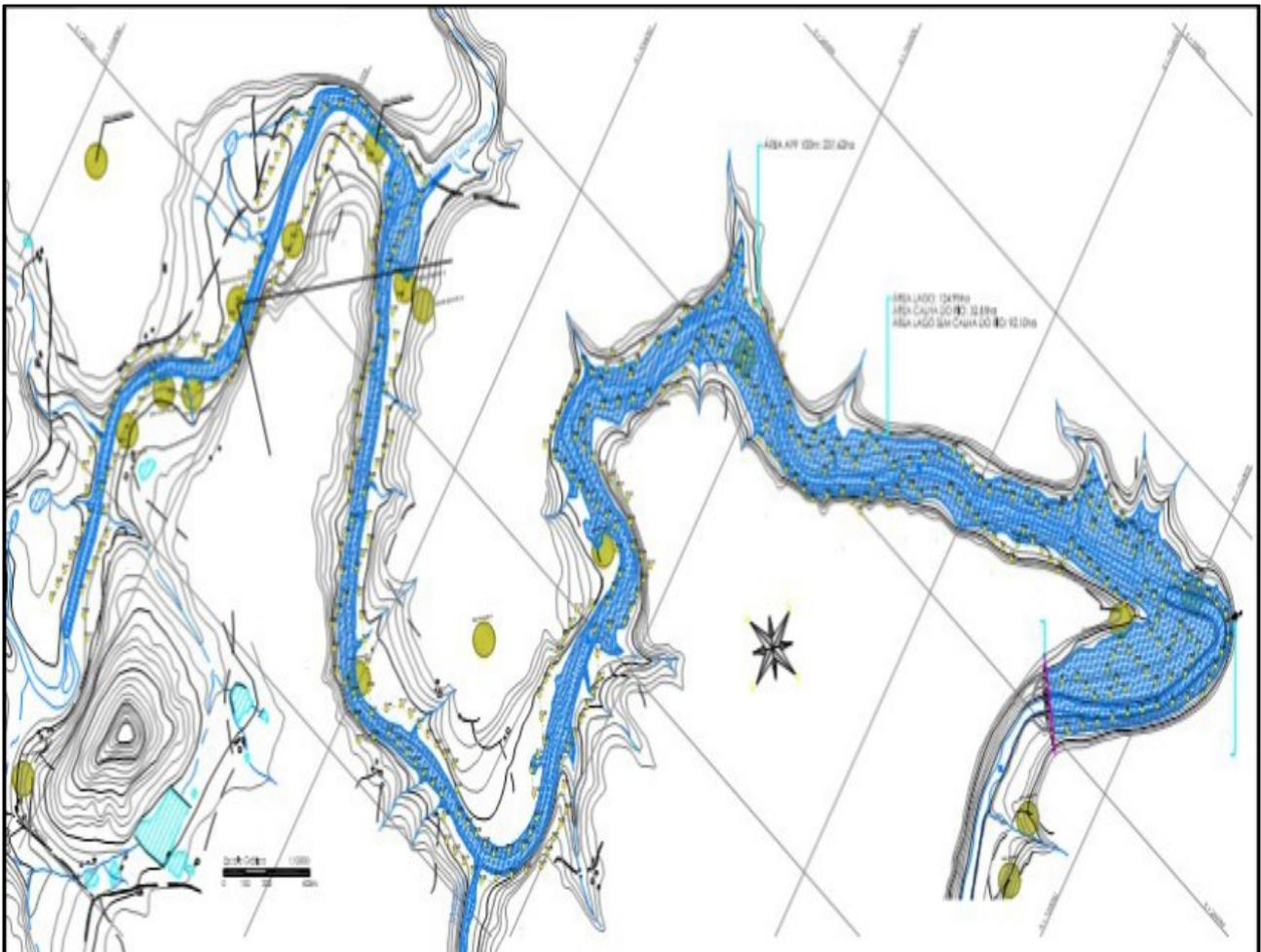
Entende-se que esta metodologia contrapõe ao tipo de coletas propostas por Evans e Meggers (1965), a qual se pode realizar coletas seletivas, isto é, selecionar alguns tipos de material e objetos, em detrimento de outros. Encarando a pesquisa arqueológica de forma contextual, todo e qualquer vestígio deve ser resgatado dentro da área proposta, uma vez que somente a soma de todas as arqueo-informações poderá constituir uma base sólida de pesquisa e conseqüentemente, de reconstituição histórica das populações pretéritas. Utilizamos esta metodologia como estratégia, em função do sítio apresentar poucas peças arqueológicas, dispostas em superfície. Padrão este recorrente para sítios líticos da região do Planalto catarinense cujos depósitos arqueológicos permanecem em sua maioria sobre o solo. (LINO, 2010)

²⁹ Lino (2010).

Definir uma cultura através de vestígios de pedra, algumas vezes muito rudimentares, significa que, das formas dos objetos e alguns detalhes são perceptíveis somente pelos especialistas, que poderão realizar e deduzir informações coerentes sobre seu modo de fabricação e utilização³⁰.

Nesse sentido de nada adianta o artefato arqueológico em si, sem o contexto total do sítio, reconhecido e perceptível pelo profissional, afim, de gerar resultados com uma interpretação coerente do trabalho. Por meio destes dados obtidos com o trabalho de campo, pode-se compreender melhor a época de ocupação de grupos indígenas Jê na região em tempos pré ou pós-coloniais³¹

Figura 3 – Localização dos sítios arqueológicos: municípios de Romelândia e Barra Bonita, SC.



Fonte: Relatório Parcial de Salvamento Arqueológico da PCH São Jorge (LINO, 2010).

³⁰ Emperaire (1967, p.67).

³¹ Lino (2010).

2.2 DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS: FRAGMENTOS DO PASSADO

NA MARGEM ESQUERDA DO RIO FORAM ENCONTRADOS 5 SÍTIOS, OS QUAIS DESCREVO A SEGUIR:

1º SÃO JORGE III;

Um dos maiores sítios localizados sua área de dispersão. Localizado em propriedade de Sr F. Lema. Foi estabelecido um quadrante de 600 m², evidenciou-se 23 artefatos líticos sobre superfície dispostos em superfície. As sondagens não diagnosticaram material em estratigrafia, nem alterações pedológicas, predominando o solo argiloso marrom avermelhado.



Figura 4 – Vista da superfície do sítio São Jorge III



Figura 5 – Artefato do sítio São Jorge III

(LINO, 2010)

2º SÃO GERALDO I;

O sítio está localizado sobre várzea, situado na propriedade do Sr J. Estevan. Este possui densidade considerável de material encontrado, é difícil e dificultoso o acesso a este sítio em função da longevidade da estrada geral. Quando foi feita uma das visitas não havia plantação sobre o solo, o que tornou o solo limpo em sua visibilidade. Este dado é relevante em função de que a área pode ser estudada primeiro.

	
<p>Figura 6 – Vista da superfície do sítio São Geraldo I</p>	<p>Figura 7 – Artefato do sítio São Geraldo I</p>

(LINO, 2010)

3º SÃO GERALDO III;

O sítio encontra-se em área de várzea, não contém material em abundância. Localiza-se na propriedade da Sr J. Estevan, foi possível resgatar artefatos líticos em basalto e arenito silicificado. Realizando-se sondagens N/S L/O onde foi possível caracterizar a profundidade estratigráfica do sítio, o solo não apresentou variação pedológica, predominando o solo argiloso de coloração marrom avermelhada.

	
<p>Figura 8 – Vista da superfície da área do sítio S. Geraldo III</p>	<p>Figura 9 – Artefato do sítio São Geraldo III</p>

(LINO, 2010)

4º LAJEADO CACHORRO I – A E B;

O sítio localiza-se sobre várzea a propriedade é o Sr. V. Estevan, aonde um número

considerável e denso de material arqueológico foi encontrado. Foi estabelecido uma área em potencial de cerca de 400 m², o acesso é fácil estando a poucos metros da estrada principal. Na concentração A, o material arqueológico concentrou-se nos primeiros dois níveis, totalizando 20 centímetros de profundidade, seguindo de camada de solo estéril nos demais níveis. Amostras de carvão também foram coletadas nos níveis com 20 cm de profundidade, para posterior datação do sítio. Nos níveis superficiais, o carvão encontrado aponta para uma característica comum em sítios de área de várzea, comprovando a ação de queimadas para plantio. A cerâmica encontrada é extremamente fragmentada, muitas inclusive não puderam ser coletadas, permanecendo somente o negativo no solo, seguido pela coloração laranja típica de queima interna encontrada nas amostras até o presente. Na concentração B, realizou-se coleta sistemática. Foram coletados cerca de 20 artefatos confeccionados em arenito silicificado. Houve ausência de lascas e blocos, sendo predominante artefato do tipo picão. Em função da formação rochosa, as sondagens N/S – L/O não ultrapassaram os 15 cm de profundidade, não apresentando variação pedológica.



Figura 10 – Panorama da área do sítio
Linha do Cachorro I a e b.

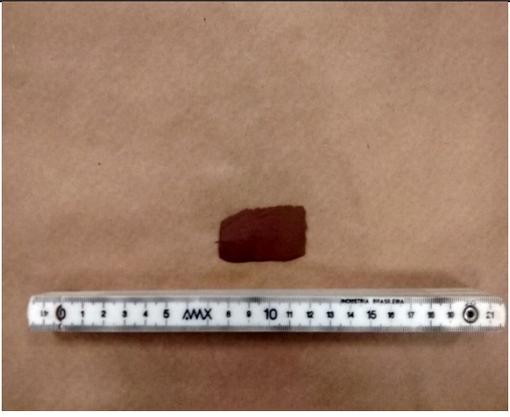


Figura 11-Artefato do sítio L.
Cachorro I.

(LINO, 2010)

5° LAJEADO CACHORRO II

Com pouca ocorrência de material arqueológico neste sítio, de propriedade do Sr M. Friedrich, tendo uma área de 100 m². O acesso é fácil, estando a poucos metros da estrada principal à Barra Bonita. Foi possível diagnosticar artefatos líticos em basalto e arenito silicificado. Em seguida, foi realizado sondagens N/S – L/O onde foi possível caracterizar a profundidade estratigráfica do sítio. O solo não apresentou variação pedológica, predominando o tipo argiloso de coloração marrom avermelhada.

	
<p>Figura 12 – Panorama da área do sítio Linha do Cachorro II</p>	<p>Figura 13 – Artefato do sítio Linha do Cachorro II</p>

(LINO, 2010)

NA MARGEM DIREITA FORAM ENCONTRADOS MAIS 6 SÍTIOS;

6º BARRA BONITA I;

O sítio tem baixa intensidade de material arqueológico, encontra-se em propriedade do Sr P. Bigode. Uma área aproximada de 400 m². O acesso é de média dificuldade com exceção de chuvas, onde pode haver impossibilidade de chegada ou saída dependendo do veículo utilizado. Por meio das sondagens que foram realizadas verificou-se a composição de solo argiloso marrom avermelhado.

	
<p>Figura 14 – Panorama da área do sítio Bonita Bonita I</p>	<p>Figura 15 – Artefato do sítio Barra Bonita I</p>

(LINO, 2010)

7º BARRA BONITA II;

Mais um sítio de baixa intensidade de material arqueológico, encontra-se em propriedade do Sr P. Bigode. Tem uma área de menos de 100 m², o acesso é de média dificuldade com exceção de

chuvas, onde pode haver impossibilidade de chegada ou saída dependendo do veículo utilizado.



Figura 16 – Vista do Sítio Bonita Bonita II



Figura 17 – Artefato do sítio Barra Bonita II

(LINO, 2010)

8º LINHA POLACA IV;

É um sítio que a quantidade é mediana de material arqueológico encontrado, localizado sobre várzea. A coleta sistemática foi realizada numa área de 400 m² e se localizaram 3 artefatos confeccionados em arenito silicificado. Este sítio encontra-se em área de difícil acesso, resultando em cerca de 30 min. de caminhada, caso não haja outro local a ser descoberto, o proprietário é o Sr. E. Ballencif. As sondagens N/S L/O apontaram para a inexistência de estratigrafia.



Figura 18 – Panorama da área do sítio
Linha Placa IV.



Figura 19 – Artefato do sítio Linha
Polaca IV.

(LINO, 2010)

9º LINHA POLACA III;

No sítio localiza-se em área de várzea e a quantidade encontrada de material arqueológico é baixa. Foi encontrado 85 artefatos ao total (sítio a e b), confeccionados em arenito silicificado,

distante um do outro cerca de 300 metros de distância. A concentração a, foi estudada dentro de 600 m² de quadrante e a concentração b 300 m² de quadrante. As duas concentrações estão sobre terreno do Sr. F. Friedrich. O acesso ao sítio é fácil e seguro. A coleta sistemática resultou no resgate de diversos artefatos como raspadores, percutores além de talhadores e diversas lascas. As sondagens realizadas N/S L/O, não apresentaram estratigrafia nem artefatos em subsolo. Caracterizando um sítio superficial.



Figura 20 – Panorama da área do sítio Linha Placa III – a.

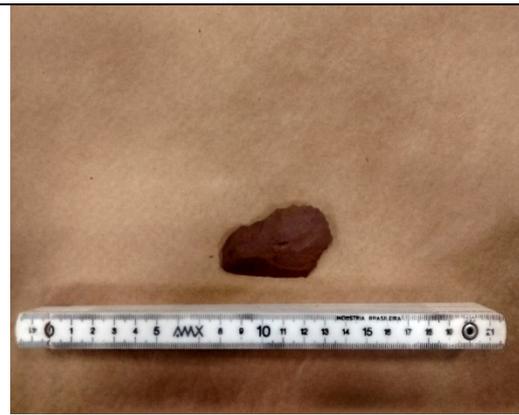


Figura 21 – Artefato do sítio Linha Polaca III – b.

(LINO, 2010)

10° LINHA POLACA II;

O sítio trata-se de um dos maiores localizados durante o levantamento, em uma área aproximada de 400 m². Durante o resgate foi encontrado além do material lítico e cerâmico, estruturas de combustão de aproximadamente 80 centímetros de diâmetro.

Percebendo a existência de artefatos isolados, distribuídos irregularmente sobre o solo, por meio de mais de três décadas de exploração da agricultura no local, foi realizado coleta de superfície com GPS, onde se obteve uma amostra de 42 peças distribuídas em um raio de 200 metros no contorno ao quadrante. (LINO, 2010. p.2)

O proprietário Sr F. Friedrich. De maneira geral, o aprofundamento de níveis forneceu poucos fragmentos, sendo que a maioria foi evidenciada como blocos líticos naturais. Desta forma, pode-se perceber o caráter superficial do sítio arqueológico. Além do material lítico e cerâmico que tem sido encontrado, destaca-se também, a evidenciação de uma estrutura de combustão, com dimensões aproximadas de 80 centímetros de diâmetro. No seu interior, foram encontrados fragmentos de rochas com fraturas térmicas, junto às lascas de arenito silicificado, cuja aparência em campo apresentou sinais de calcinamento. Também foram coletados, carvão e fragmentos cerâmicos com marcas de uso (filigem), que foram coletados com a finalidade de realização de datações pelo método de Carbono

14. A estratigrafia nas quadrículas escavadas variou pouco, sem alterações no perfil das paredes. Com exceção das quadrículas supracitadas onde se verificou a estrutura de combustão. Esta apresentou solo de coloração marrom escuro, onde concentrava a ocorrência de material arqueológico e blocos naturais. As demais quadrículas escavadas apresentaram solo argiloso marrom avermelhado com poucas peças sem contexto estratigráfico até 15 cm de profundidade, onde posteriormente seguiu-se de solo compacto marrom avermelhado estérreo, sem material arqueológico.



Figura 22 – Panorama da área do sítio Linha Placa II.



Figura 23 – Artefato do sítio Linha Polaca II.

(LINO, 2010)

11°Linha Polaca V;

O sítio encontra-se em área de várzea, O proprietário Sr F. Friedrich. Apresentou um número de 32 artefatos distribuídos em uma área de 600 m². Nas sondagens realizadas o solo não apresentou variação pedológica ou artefatos em profundidade estratigráfica.



Figura 24 – Realização de coleta superficial no sítio arqueológico L. P. V



Figura 25 – Artefato do sítio Linha Polaca V

(LINO, 2010)

2.3 ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA: UTILIZAÇÃO DA TERMINOLOGIA TRADIÇÃO

Dentro da pré-história do sul brasileira está presente e consensualmente aceita a denominação “Tradição” que é utilizada ao se referir a uma ocupação humana identificada arqueologicamente pela presença de cerâmica.

Neste sentido, aponta-se o que diz Reis (2002, p. 21):

[...] identificar e nomear somente a partir de um elemento **do conjunto de elementos possível de se identificar no trabalho e na análise**, é um limite que pode ser ultrapassado [...] Um conjunto tecnológico e cultural de tamanha complexidade e envergadura, portanto, ser denominado arqueologicamente apenas por um de seus elementos **é passível de mais análises interpretativas** (negrito meu)

Sabemos por registros etnográficos que os estudos das populações Jê do Sul do Brasil ainda não foram devidamente esclarecidos³² A diversidade dos grupos humanos necessita ser compreendida numa interação de escolhas e decisões pautadas sobre aspectos políticos, míticos, econômicos e ambientais. Pré-delimitar fatores e dividi-los em grupos que variam de acordo apenas com um de seus conjuntos tecnológicos e culturais é também limitá-los³³.

De um lado estão aqueles que procuram compreender fenômenos culturais a partir de conceitos totalizantes, independentes de contextos como por exemplo, evolução, adaptação, sistemas e estrutura. E do outro, aqueles que entendem que o objetivo da pesquisa deve ser a busca da compreensão da diversidade humana e da particularidade dos fenômenos e contextos sócio-culturais. (SILVA, 1995, p.119 apud REIS, 2002, p. 154)

Podemos identificar atualmente três tradições ceramistas como sendo elas as mais usuais dentro do registro arqueológico de Santa Catarina, sendo elas Guarani, Jê e Caçadores Coletores.

Apesar do quesito “Tradição” ser um forte alvo de críticas perante a comunidade de arqueólogos, precisamos ter consciência que os conceitos surgidos com o PRONAPA, não são de seus totais caracteres ruins ou errôneos. Contribuições importantes se acresceram aos nossos conhecimentos que atualmente vigoram e são aceitos por grande parte dos pesquisadores, foi lá que uma arqueologia com caráter amador começou a ganhar mais respeito, interpretações e análises por deduções ganharam a comprovação do material, obteve-se a noção das áreas e faixas de domínio das populações

³² Para maiores informações consultar Reis (2002, p.164).

³³ [...] não todos os pesquisadores estão de acordo que as diferenças na técnica de produção dos vasilhames sejam suficientemente distintas para fundamentar as tradições. Bem definidas e quantificadas estas características, associadas aos outros materiais e condições de assentamento, poderão proporcionar um dia a compreensão não só das diferenças entre populações, mas também sua história e movimentação (SCHMITZ, 1988, p.75 apud REIS, 2002, p.76).

pré-históricas, entre outras informações.

Apesar de procedentes críticas posteriores feiras [...] o PRONAPA impôs um ritmo que influenciou parcialmente na mudança das perspectivas científicas na pesquisa da tradição “Tupiguarani”, no Brasil e nos países vizinhos. Saiu-se em definitivo de um quadro onde a situação amadorística da pesquisa era predominante. Antes do PRONAPA não havia uma noção clara das áreas de domínio geográfico das populações pré-históricas, praticamente tudo era deduzido a partir de dados etno-históricos e etnográficos. (NOELLI, 1993, p. 38 apud LINO, 2009, p.25)

2.4 EXPOSIÇÃO DAS PROBLEMÁTICAS DE ASSENTAMENTO PARA A REGIÃO DO RIO DAS ANTAS

A teoria³⁴ arqueológica somado ao trabalho de campo gerou resultados empíricos importantes que deles somam-se dados relevantes e plausíveis para melhor entendimento da sociedade, política, cultura e modo de vida. Uma reflexão sobre teorias arqueológicas sugere princípios epistêmicos do objeto que por sua vez sugerem problemáticas e hipóteses nos caminhos transdisciplinares que a pesquisa arqueológica.

Trabalhar com teorias no campo da pesquisa arqueológica implica na busca de um termo intermediário entre generalizações abstratas e os conteúdos concretos apontados pelo vestígio arqueológico. (KERN, 1991, p.10 apud REIS, 2002, p.29)

Ao pensar em padrão de assentamento para arqueologia remete-se ao mesmo tempo, a um amplo leque de variáveis bem como ao cruzamento e inter-relacionamento delas num contexto. A amplitude vai por caminhos onde se estudam ambientes ecologicamente diversos, decisões e procura de materiais para a sobrevivência do grupo, mútua correspondência e influências recíprocas nas decisões, culturais, sociais e míticas refletidas na materialidade do espaço construído e vivido³⁵. Um assentamento é o local ou conjunto de locais onde os membros de uma comunidade moram, mantém sua subsistência e desenvolvem suas funções sociais em um determinado período de tempo³⁶.

Partindo-se de tal enfoque, abandona-se a busca por motivos mono causais, para dar conta das características dos sítios e da cultura material neles presente. Ao contrário, as perspectivas interpretativas abrem-se para vários caminhos, diferentes daqueles que, sob um ponto de vista

³⁴ Teoria: um agregado de idéias no corpo de uma ciência, contendo uma ou diversas hipóteses como partes integrantes; condiciona ou propicia a observação dos fenômenos; além de suas partes hipotéticas, um aparato que permite sua verificação, confirmação ou impossibilidade, para maiores informações conferir Reis (2002, p.24).

³⁵ Para maiores informações olhar Reis (2002, p. 78 e 79).

³⁶ Para maiores informações consultar (CHANG, 1968, s.p apud REIS, 2007, p. 210).

exclusivamente ecológico, associam tais dados a um eterno continuum histórico, regido pela permanência da ordem cultural³⁷.

A arqueologia dos assentamentos estimulou os estudos relativamente holísticos tanto nas culturas pré-históricas em pontos temporais específicos como da maneira em que estas haviam mudado. (TRIGGER, 1992, p.270 apud REIS, 2002, p.59)

Nesta etapa do trabalho entender e lapidar conceitos de assentamento, paisagem, espaço e adaptação parecem fundamental para a estabelecer ligação com o desenvolvimento da teoria e da pesquisa em padrão de assentamento.

Quando nos referimos à paisagem de um assentamento em específico, um bom termo a se referir há ela, é que ela é o resultado de uma acumulação de tempo vivido em uma sociedade num meio natural, representa diferentes momentos de desenvolvimento da sociedade, espaço historicamente e socialmente construído e vivido. Segundo Reis (2002, p.40):

Paisagem: Globalmente perceptível aos sentidos, pode ser encarada como cenário testemunho de atividades humanas, relacionadas a uma realidade social analisada enquanto objeto em si, é a esfera onde interagem fatores de transformação, seja físicos ou naturais cujos efeitos provocam modificações socioeconômicas nos equilíbrios ecológicos [...] a paisagem expressa relações entre grupos humanos, estes com ambientes naturais e por extensão, ligações com o passado numa dinâmica de interações temporais e espaciais transcorridas historicamente.

Dois elementos são fundamentais no estudo da paisagem, os objetos que são natural que não teve a interferência do ser humano. E os objetos sociais que por algum motivo passaram ou houve há transformação do trabalho humano. As mudanças políticas, sociais, econômicas da sociedade estudada provocam alterações, mas também parte dos elementos não muda enquanto a sociedade se transforma e nem sempre mudanças na sociedade provocam alterações na paisagem.

Já o espaço é uma união dos conjuntos geográficos, objetos naturais, sociais somados com os grupos humanos que constroem e ocupam esse espaço.

Espaço: pode ser distinguido pela paisagem. Esta tem permanência na materialidade dos objetos naturais sociais, sofrendo ou não mudanças numa dinâmica espaço-temporal. O espaço contém o movimento. Representa a síntese, sujeita a um refazer-se da paisagem com a sociedade. E a soma da paisagem mais a vida humana nela existente, encaixa uma sociedade numa determinada paisagem. (REIS, 2002, p. 40)

Entender paisagem e espaço são conceitos fundamentais para o contexto de estudo das populações Jê, já que os mesmos influenciam na economia, na política, na sociedade e na cultura.

³⁷ Lino (2009, p.85).

Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009)³⁸: Adaptação é a ação ou efeito de adaptar-se. Ajuste de uma coisa à outra. Utilização de qualquer objeto ou utensílio para finalidades diversas do seu uso primitivo. Processo pelo qual de um ser se ajusta a uma situação; acomodação. Biocapacidade de seres vivos a se ajustarem-se ao ambiente. Característica de um organismo ou de uma espécie que possibilita sua sobrevivência em um determinado ambiente. Segundo o dicionário Aurélio da língua portuguesa (2009)³⁹: Adaptação, é a ação ou efeito de adaptar (-se). Ajustamento de um organismo particularmente do homem, as condições do meio ambiente.

Além destes conceitos que são fundamentais para o entendimento do padrão de assentamento, precisa-se levar em conta que a proposta de padrão de assentamento comporta um conjunto de grande complexidade e ampla contextualização que pode compreender⁴⁰:

1) **ÁREAS DE ATIVIDADE:** Comporta as ações sociais e onde estão marcadas. Apresentando a concentração e associação de matérias-primas, artefatos e descartes, refletindo ações específicas. Classificadas em termos de produção: manufatura, abastecimento, construção de uso e consumo construção, armazenamento grupal, individual e intercambio. Seus assentamentos eles eram confeccionados de duas maneiras, com materiais perecíveis menos durável e casas subterrâneas mais durável, dependia muito do local estratégico (perto de recursos naturais que poderiam explorar com água, matéria-prima ou plantas que forneciam comida), mesmo assim eles eram abandonados de tempos em tempos por motivos de acúmulo de água, pelo ciclo natural das estações ou mesmo relacionado à hierarquia e a política familiar.

Os assentamentos podiam compor-se de choupanas construídas com materiais perecíveis, na superfície do solo, sem apreciáveis modificações no solo e no entorno, como fazem hoje (sítios a céu aberto); podiam implicar movimentação intensa da terra rebaixando o piso de suas habitações, aterrando seus arredores, acumulando terra para formar montículos de diversos tamanhos e finalidades, construindo taipas de pedra para fechar grandes recintos de uso comunitário (casas subterrâneas e seus acampamentos) (SCHMITZ e BEBER, 2011, p.244)

2) **ESTRATÉGIAS ADAPTATIVAS:** Estabelecem o relacionamentos das pessoas com a produção, com o objetivo de produzir ricos em termos de recursos naturais. O povo Jê adaptou-se perfeitamente a região, desenvolveram a tecnologia de habitação denominada casas subterrâneas ou como são popularmente conhecidas como “buracos de bugre”, aonde no verão conseguiam fugir das

³⁸ HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mouro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

³⁹ DOS ANJOS, Marina, Baird Holanda Ferreira (Coord.). Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 4 ed. rev. Atual. Curitiba: Positivo, 2009.

⁴⁰ É de caráter importante termos a consciência que nem todas as variáveis que serão apontadas aplicam-se a dados de pesquisas já realizadas, logo nem todas caberão a ser aplicadas.

temperaturas quentes provocadas pelas altas umidades da floresta tropical e no inverno manter-se aquecido e ao abrigo de intempéries da natureza.

Pode-se pensar em termos de zonas concêntricas a partir do assentamento, em relação aos custos e benefícios envolvidos na exploração, manutenção e proteção das específicas localizações dos recursos. Uma primeira zona é o encontro do sítio, propiciando abrigo, vistas estratégicas e o imediato acesso à água e ao combustível. A próxima zona é com relativa segurança de deslocamento dos indivíduos, usualmente explorada para o plantio ou coleta de vegetais e caça de pequeno porte. A terceira zona seria a mais distante com recursos de grande mobilidade e área de caça de grande porte. Esse modelo chamado gravitacional tem um forte atrativo em seu uso, porém provoca o risco de ser inidentificável arqueologicamente. (REIS, 2002, p.119)

3) **MOBILIDADE:** Destaca-se pela redistribuição das pessoas num determinado ambiente ou num território. Estratégias econômicas devem ser pensadas em relação aos tipos de recursos e a distribuição espacial dos mesmos, a mobilidade de um assentamento pode estar diretamente ligada à eficiência da exploração econômica de um espaço. Seu sistema de assentamento permite discutir a estabilidade destas populações. Certamente, elas não são nômades como demonstram suas instalações que exigem investimento na instalação, no uso e na conservação. Assim de tempos em tempos eles abandonam seus lares para num futuro próximo tornar a reutilizá-los, pensando também na exploração econômica de recursos faunísticos.

4) **DISTRIBUIÇÃO:** É considerada variável entre assentamentos, sejam isolados ou agrupados, em um espaço ou espaços dentro de uma paisagem. Pode-se estudar a distribuição de pontos considerados ou representados como artefatos em uma área de assentamento. Existem três tipos de distribuição aleatória, distribuição uniformes e distribuição agrupadas⁴¹

5) **LOCALIZAÇÃO:** Reflete o Relacionamento existente entre decisões de segurança e de metas eficientes no sentido do acesso a recursos. Estar próximo a cursos de água, a matéria-prima de qualidade e a recursos alimentares como suas roças, frutas ou plantas tem importância fundamental para o mantimento da cultura no local.

Áreas com recursos fixos tais como plantas, frutos alimentares ou matéria-prima lítica, tendem a ser mais frequentemente visitadas e mais facilmente definidas do que alguma particular zona de caça. (REIS, 2002, p.119)

6) **HIERARQUIA DE RECURSOS:** No estabelecimento de critérios que avaliem uma hierarquia um povo tende a dar maior importância à disponibilidade dos recursos. Decisões de assentamentos

⁴¹ Maiores informações consultar Reis (2002, p.109).

em determinados locais podem sofrer maior influência dos recursos fixos do que dos imóveis. Pode-se pensar em termos de zonas concêntricas para o assentamento, em relação ao custo benefício envolvidos na exploração, manutenção e proteção das zonas que estão localizadas os recursos. Apresenta-se o pinhão novamente como um dos recursos recurso fixo e delimitador de território, tanto para a localização como para a hierarquia de recursos⁴².

7) TAMANHO: Espaços que possuem uma melhor otimização dos recursos, tendem a gerar uma agregada atração, sendo assentamentos grandes em ambientes heterogêneos e assentamentos pequenos em ambientes homogêneos⁴³. Destes sítios em específicos, seu tamanho varia (de médio a pequeno) mas a maioria são considerados como pequenos, poucas pessoas habitaram aqueles locais, quase que certo que o grupo não era maior que 20 ou 25 pessoa.

8) DECISÕES: Para que a duração e localização dos assentamentos sejam determinadas, o grupo toma certas decisões. Pensadas a partir de muitos termos como a racionalidade, aonde a subsistência do grupo era o fator principal. As decisões eram baseadas nas organizações sociais, crenças e rituais, mas também por fatores econômicos aonde estes grupos se deslocaram e assentam num regime sazonal/econômico⁴⁴

9) FORMA E FUNÇÃO: Tem íntima conexão com as decisões. Conjuntaram regas, leis e costumes que o povo possui e marcam interação entre natureza, ambiente e cultura. A disposição formal e funcional dos espaços das construções de assentamentos não é apenas reflexo de abrigos sejam pra moradia ou estocagem, proteção e estocagem, também é de organização social, política, religiosa e vida comunitária⁴⁵.

10) ESTOCAGEM: Se apresenta quase que condicionada às variações e complexidades ambientais. Não se dispõem de muitas informações concernentes, devido à complexidade cultural, contida nas decisões de estocagem. Não se tem muitas informações sobre as estocagem, estudos nessa área ainda precisam avançar, mas sabe-se que nos meses de colheita de pinhão os coroados subiam até os pinheiros e com uma taquara retiravam as bochas e depois as guardavam ao abrigo do tempo enterrando-os para assim os conservar⁴⁶.

⁴² Maiores informações consultar Reis (2002, p.118,119 e 120).

⁴³ Maiores informações consultar Reis (2002, p.123,124 e 125).

⁴⁴ Maiores informações consultar Reis (2002, p.126).

⁴⁵ Maiores informações consultar Reis (2002, p.127,128 e 129).

⁴⁶ Maiores informações consultar Reis (2002, p.135).

- 11) DURAÇÃO: Usada para diferenciar assentamento temporário de assentamento permanente e para determinar o alcance da ocupação dos sítios⁴⁷.
- 12) RELAÇÕES SOCIAIS: Ao se estudar assentamentos é preciso pensar também que as relações sociais tem caráter decisivo em tudo⁴⁸.
- 13) DEFESA: Ela pode ser compreendida como medidas para ações estratégicas que um povo elabora para se proteger e resistir a ataques. Estabelecem-se a partir de uma série de medidas econômicas, territoriais e políticas⁴⁹.
- 14) ORGANIZAÇÃO DA TECNOLOGIA LÍTICA: Com vários estudos tem se mostrado que várias são as estratégias que um povo aplica na eficiência organizacional que precisa ser mantida no sentido de procura, transporte, manufatura, uso e descarte de instrumentos líticos de materiais brutos e corantes. Está intimamente ligada à hierarquia de recursos, para produzir um tecnologia lítica de qualidade é preciso estar acessível aos recursos de matéria-prima certos e de qualidade.

A matéria-prima é composta em sua grande maioria por Basalto, arenito silicificado também algumas rochas onde é possível identificar ocorrências de alguns materiais que não possuem uma boa capacidade de lascamento, nem compactação ideal, não possuindo a resistência e a dureza habitual que se faz necessária para obtenção de um bom artefato. Alguns casos em específico a matéria-prima não se apresenta com uma boa qualidade afim de ser utilizada em lascamento e obtenção de artefatos. Não se achou o afloramento natural e nem a indústria lascamento onde os grandes blocos eram retirados, mesmo assim, presume-se que esse material não é oriundo de um local muito distante de onde estão os sítios.

2.5 HIPÓTESE TEÓRICA DE ASSENTAMENTO PARA A REGIÃO DO RIO DAS ANTAS

O estudo da arqueologia fornece ao pesquisador dados materiais e biológicos, e ao pesquisador e cabe utilizar teorias aplicando no seu estudo, somando as informações para resultar em hipóteses e análises. O diagnóstico interventivo, o resgate dos sítios arqueológicos e os relatórios produzidos em campo e em laboratório pela equipe que foi responsável pelo trabalho, somado as teorias estudadas e expostas possibilitaram a interpretação da seguinte hipótese: de tratar-se de sítios acampamentos, ou

⁴⁷ Maiores informações consultar Reis (2002, p.135).

⁴⁸ Maiores informações consultar Reis (2002, p.138).

⁴⁹ Maiores informações consultar Reis (2002, p.139 e 140).

seja, onde muito provavelmente os Jê de um passado distante, por algum motivo, passaram por aqueles locais específicos, seja ele caçando, pescando, coletando ou até em migrações, mas que por algum motivo eles acamparam ou até permaneceram algum tempo nos determinados locais. É difícil afirmar algo com certeza, ainda mais se tratando de sociedade pré-histórica, pertencentes à um passado bem recuado no tempo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A problemática inicial era o conhecimento em si, tomar partido do contexto histórico para então problematizá-lo. Ao decorrer da pesquisa o objetivo passou por alterações, devido às leituras e bibliografias consultadas, antes, eram as evidências em si, mas agora o foco mudou e passou a ser o grupo humano produtor do remanescente material encontrado nos sítios arqueológicos explorados, problematizando, extrapolando os limites que o cercam as informações e observando os vestígios que são passíveis de interpretações. Então a minha problemática passou a ser os grupos humanos pertencentes ao contexto histórico. Explorando limites possíveis, com o devido aporte teórico sobre o contexto dos vestígios materiais encontrados durante a pesquisa de campo.

Não são mais os artefatos, os instrumentos ou a construção que interessa pesquisar isoladamente ou buscar classificações. Da mesma forma o sítio não é mais encarado como um lugar estanque, uma ocupação pontual no espaço vivido e construído por grupos humanos do passado. (REIS, 2002, p. 161)

A luz das teorias somados aos dados que foram obtidos em campo (LINO,2010), apontaram como sendo a hipótese mais provável, a de, uma teoria de assentamento formada por sítios acampamentos. É esta mesma teoria que tento problematizá-la dentro do capítulo II e do contexto que insere-se está pesquisa, resultando na hipótese para a ocupação daquela região do Rio das Antas.

Por meio desta e de outras pesquisa entendemos que a região do Oeste Catarinense foi densamente povoada em virtude dos diversos rios e córregos que a atravessam, com abundância em alimentos e água (assim como também diversas outras áreas do nosso país). O povo Jê do passado eram muito adaptados a seu ecossistema, viviam em perfeita harmonia com a natureza, extraindo o máximo que ela podia oferecer sem a degradar. O que se sabe é que seu modo de vida, sua sociedade, economia, política, religião e cultura, eram formados por uma rede de complexidade vasta e que abrangia diretamente tudo e todos, direta ou indiretamente. De maneira que hoje existem alguns estudos na área (porém os mesmos não contemplam a totalidade), e muito mais ainda está por ser

pesquisado.

A arqueologia pode auxiliar no problema territorial dos Jê, organizando o conhecimento dos domínios territoriais dos grupos históricos e pré-históricos. Através de comparação entre contextos arqueológicos e sítios inseridos nas mesmas áreas dos históricos, podemos ter marcadores eficientes de definição cultural. Estes podem trocar inteligíveis e detalhadas as movimentações e instalações humanas no Brasil meridional. (SILVA e NOELLI, s.d, p.5 apud REIS, 2002, p.190)

Novos dados surgem a todo o momento, mostrando que a arqueologia assim como a ciência não é absoluta, mas sim uma ciência humana, passível de erros, acertos e contestações. Novos dados arqueológicos estão por vir e a arqueologia como uma ciência humana sempre de uma maneira ou outra está sendo constantemente renovada e suas teorias colocadas à prova.

REFERÊNCIAS

- CALDARELLI, Solange, B. SANTOS, Maria, C. **Arqueologia de Contrato no Brasil**. REVISTA USP, São Paulo, n.44, p. 52-73, dezembro/fevereiro 1999-2000, p. 52 a 73.
- CARBONERA, Mirian. **Arqueologia e educação: uma análise no Oeste de Santa Catarina**. Revista Cadernos do Ceom 17.18 (2014): 185-212.
- COSTA, Silvano Silveira da. **Arqueologia no alto Uruguai: a foz do Chapecó**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2012.p.11 à 43.
- DIAS, Adriana T.. **Sistema de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul**. 2003. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003, p.08 à 46.
- DIAS, Adriana. S. e HOELTZ Sirlei. E.. **Indústrias Líticas em Contexto: O Problema Humaitá na Arqueologia Sul Brasileira**. Revista de arqueologia volume 23 – número 2 – dezembro de 2010, p. 40 a 67.
- DIAS, Adriana. S.; HOELTZ, Sirlei. E.. **Proposta metodológica para o estudo das indústrias líticas do sul do Brasil**. Santa Cruz do Sul, UNISC. Revista do Cepa, v. 21, n. 25, p. 21-62, 1997.
- EMPERAIRE, Annette L.. **Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul**. Curitiba-PR. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal do Paraná, nº2, 1967. 155p.
- FUNARI, Pedro P.. **Os Historiadores e a Cultura Material**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. 3ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FUNARI, Pedro P. e NOELLI, Francisco S.. **Pré-história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 3 ed. 2006, 110p.
- GASPAR, Maria D. **Cultura: Comunicação, Arte, Oralidade na Pré-História do Brasil**. Revista Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, p.153 a 16, 2014.

HECKO, Leandro. **Usos do passado: História e Arqueologia.** Revista Rascunhos Culturais. Coxim/Mg, V.3, Nº 5, p.121 a 137, jan./jun. 2012.

HOELTZ, Sirlei E; BRUGGEMANN, Adelson A. **As indústrias líticas na área da UHE Foz do Chapecó, oeste catarinense: antiguidade, estratégia tecnológica e variabilidade.** In: CARBONERA, Mirian; SCHIMITZ, Pedro Ignácio (Org.). *Antes do Oeste Catarinense/arqueologia dos povos indígenas.* Chapecó: Argos, 2011.

LINO, Jaisson Teixeira. **Arqueologia Guarani no Vale do Rio Araranguá, Santa Catarina.** Erechim: Habitus, 2009.

LINO, Jaisson Teixeira. **Relatório Parcial de Salvamento Arqueológico da PCH São Jorge – municípios de Romelândia e Barra Bonita, Estado de Santa Catarina.** Içara: Arqueosul, 2010.

LINO, Jaisson T. **Arqueologia guarani: identidade e cultura material.** Cadernos do CEOM, ano 24 nº 35, p. 35 a 53.

LINO, Jaisson Teixeira e SILVA, Elisana Reis da. **Arqueologia Colaborativa em Terras Indígenas do Oeste de Santa Catarina: Desafios e Perspectivas.** Revista Tempos Acadêmicos 11 (2013): 135-145.

LINO, Jaisson T., BRUHNS, Katianne. **Os arqueólogos e os índios...vivos!** Reflexões sobre arqueologia pública, políticas públicas e sociedades indígenas. Cadernos do CEOM, ano 25, nº 34, p. 95 a 115.

NOELLI, Francisco Silva. **A Ocupação Humana na Região Sul do Brasil: Arqueologia, Debates e Perspectivas 1872-2000.** Revista USP 44, (1999-2000): 218-269.

PRONAPA, Dados complementares à arqueologia do Vale do Uruguai. **Resultados preliminares do 4º ano. 1968 – 1969.** Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, p. 71-86, 1971.

REIS, José Alberione dos. **Arqueologia dos Buracos de Bugre: uma pré-história do Planalto Meridional.** Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2002.

REIS, Maria José. **A Problemática Arqueológica das Estruturas Subterrâneas no Planalto Catarinense.** Erechim, RS: Habilis, 2007.

SANTOS, Marcos, C. **Entre a Pré-história e a História: O Documento Material Humano.** Revista Tempos Acadêmicos, Dossiê Arqueologia Pré-Histórica, nº 11, 2013, Criciúma, Santa Catarina, p. 25 a 37.

SCHIMITZ, Pedro I. **A Ocupação Pré-Histórica do Estado de Santa Catarina.** Revista Tempos Acadêmicos, Dossiê Arqueologia Pré-Histórica, nº 11, 2013, Criciúma, p. 6 a 24.

SCHIMITZ, Pedro Ignácio. **A ocupação indígena no oeste catarinense.** In: CARBONERA, Mirian; SCHIMITZ, Pedro Ignácio (Org.). Antes do Oeste Catarinense/arqueologia dos povos indígenas. Chapecó: Argos, 2011.

SCHIMITZ, Pedro Ignácio; BEBER, Marcos Vinícius. **Em busca do antepassados dos índios Kaingang.** In: CARBONERA, Mirian; SCHIMITZ, Pedro Ignácio (Org.). Antes do Oeste Catarinense/arqueologia dos povos indígenas. Chapecó: Argos, 2011.